

Dimensão ética da espiritualidade: Uma esperança cristológica ao processo de paz na colômbia*

**The ethical dimension of spirituality:
Christological hope in the colombian peace process**

Mario Alexander Vargas Pérez **

Resumo

Pensar teologicamente uma situação tão complexa e de longa duração como um conflito armado de mais de meio século, acontecido num país latino-americano, parece portar grandes dificuldades de compreensão, assim como olhares desesperançados da realidade. Não obstante, tentamos aqui vislumbrar os traços característicos de uma ética cristã em meio a esse contexto, ressaltando as experiências comunitárias de fé e as buscas espirituais acontecidas em diversos lugares do território colombiano. Daremos especial ênfase aos processos de perdão, reconciliação, busca da verdade e compromisso de não repetição de atos violentos, como frutos do mais recente processo de paz acontecido no país. Como aportes teológico-cristológicos, tomaremos sobretudo as propostas dos jesuítas colombianos Francisco de Roux e Gustavo Baena. A conclusão deverá apontar os desafios

* Artigo recebido em 31/07/2020 e aprovado para publicação em 30/09/2020.

** Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidad Javeriana. Graduando em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Contato: vargas-mario@javeriana.edu.co.

da responsabilidade ética e do comprometimento social, individual e comunitário daqueles que têm a ousadia de chamar-se cristãos.

Palavras-chave: Perspectiva ética; Paz; Discernimento; Espiritualidade; Colômbia.

Abstract

Theologically thinking about a situation as complex and long lasting as the armed conflict of more than half a century, which happened in a Latin American country, seems to carry the difficulties of understanding, that is with eyes lacking hope in the situation. However, we try to glimpse the traces characteristic of a Christian Ethic in this context, highlighting the experiences of faith and the spiritual search that happened in the various places of Colombian territory. We will give emphasis on the process of forgiveness, reconciliation, search for truth and the promise of no repetition of violent acts, like fruits of the most recent peace process which happened in the country. With Theological-Christological contributions, we will take, above all the proposals of the Colombian Jesuits Francisco de Roux and Gustavo Baena. The conclusion should point to the individual and community challenges of ethical responsibility of those who call themselves Christians.

Keywords: Ethical perspective; Peace; Discernment; Spirituality; Colombia.

Introdução

Partir da experiência da ressurreição de Jesus, o Cristo, compreender as situações de dor, perda, desesperança ou sofrimento, ultrapassa a simples perspectiva humana e coloca a pessoa, a criação, em constante relação de discernimento com o mistério da divindade, do Deus-criador. Esse olhar diferenciado da realidade só é possível pela transformação constante dos sujeitos que têm a ousadia de chamar-se de cristãos: um processo que vai além do mero desejo racional ou consciente, tornando-se possibilidade de uma escuta atenta e sincera da autorrevelação de Deus nas suas criaturas.

Com efeito, tal processo de amadurecimento do espírito humano exige uma caminhada que se inicia nas práticas culturais e religiosas do entorno social de um indivíduo, passa pelas exigências da fé – delimitada

por um projeto concreto de construção de humanidade – e culmina com a plena e entranhável interiorização de uma autêntica espiritualidade sempre voltada ao serviço desinteressado aos outros. De fato, propostas de seguimento cristão, como a apresentada por mestres espirituais como Inácio de Loyola e outros tantos, testemunham essa contínua ação criadora – e recriadora – de Deus na humanidade.

Nesse sentido, a proposta aqui apresentada tem muito a ver com a experiência espiritual interior de cada ser humano, que pode chegar a constituir-se em sólida esperança para afrontar os desafios das sociedades atuais. Comunidades que, mesmo denominadas como cristãs, estão carregadas de eventos recorrentes de violência, de fragmentação do tecido social e de atentados severos contra a dignidade humana. Por tal razão, analisar sucintamente os acontecimentos conflituosos de uma nação como a colombiana – imbrincada durante mais de meio século em sérias tensões sociais, políticas e económicas – à luz do da práxis teológica pode ser relevante para afrontar, doravante, os novos desafios que implicam aplacar períodos de violência estrutural e construir e consolidar uma nação coesa, aqui no caso, após ter-se firmado o Acordo Final para o Encerramento do Conflito e a Construção de uma Paz Estável e Duradoura (2016).

Assim, trazendo o pensamento e as reflexões de dois jesuítas colombianos atuais, os quais encarnam a profunda experiência espiritual de índole inaciana, pode-se aclarar ainda mais a compreensão do novo contexto e realidade colombianos, abordando necessariamente tanto as pautas cristológicas quanto as implicações éticas do cristianismo. Os dois eixos articuladores são a reflexão acadêmico-pastoral de Gustavo Baena, por um lado e a ação ético-profética de Francisco de Roux, por outro, acrescido por aportes de outros autores e pensadores afins ao campo teológico e às dinâmicas de desenvolvimento social acontecidas na América Latina.

Na primeira parte, no concentramos no pensamento do professor Baena, convidando a refletir sobre o significado do cristianismo para além do cenário religioso. Para tanto, será abordado o trânsito ideal da religião para a fé e desta para a espiritualidade, ou seja, o desejo ulterior de viver a vida no Espírito, conforme o exemplo do próprio Jesus, o Cristo. Na segunda parte, mostraremos como o exemplo de pessoas que acreditam plenamente na mensagem evangélica e doam as suas vidas pelo serviço aos mais vulneráveis da sociedade se aproxima daquele de Jesus Cristo. Trata-se da dimensão ética do seguimento na polaridade violência e paz com desdobramentos à luz do contexto atual colombiano (terceira parte).

1. O passo da religião à fé e da fé à espiritualidade

Pensar a temática teológica a partir do “conflito armado mais longo do hemisfério Ocidental” (SANTOS, 2019, p.91) traz consigo, entre muitos outros fatores, o paradoxo de como esse tipo de problemática violenta pode acontecer numa sociedade de profissão religiosa majoritariamente cristã. Para abordar melhor esse desafio, vale a pena resenhar nesta primeira parte as exigências e as implicações espirituais de uma possível ética cristã, rastreando alguns escritos do teólogo jesuíta colombiano Gustavo Baena.

Nesse sentido, é importante identificar a transição para o cristianismo autêntico, que comporta tanto práticas religiosas quanto processos espirituais desenvolvidos, permeados por obrigações concretas da fé que se professa. Com efeito, não é pelo fato de realizar ritos de benção da água ou de unção com óleo – geralmente em celebrações harmônicas e belas – que alguma pessoa ou comunidade pode ser chamada verdadeiramente de cristã (TABORDA, 2012, p.51). Daí a relevância de rever brevemente, cada um dos componentes – nunca mecânicos ou estritamente sucessivos – dessa autenticidade cristã: religião, fé e espiritualidade.

1.1 Religião

O primeiro estágio abordado por autores como Baena é o da religião, pelo fato de ser entendido como o mais comum, em suas diversas concepções, ao gênero humano na sua totalidade. Entendida a religião como um fenômeno humano, e, portanto, cultural, segue-se que muitas são as religiões. Aqui, temos em vista a religião cristã. E assim devemos lembrar-se que a dinâmica relacional com a transcendência não é simplesmente unidirecional do ser humano para Deus, mas fundamentalmente de Deus com o ser humano (BAENA, 2015, p.73).

Partindo do âmbito social da religião como institucionalidade delimitada por preceitos e normativas comunitárias, esta deveria sempre animar os seus fiéis a respeitarem a dignidade de todo ser humano e colocarem-se ao serviço aos outros. Não obstante, não se pode esquecer que ao serem constituídas por seres vulneráveis essas instituições estão expostas ao cruzamento de interesses dinamizados pelo poder de possuir e dominar, fazendo com que muitas religiões percam a sua credibilidade e autoridade (BAENA, 2017, p.45). Parece que “o poder sempre tentou à religião” (LIBANIO, 2002, p.152).

Como instituições humanas, as religiões estão expostas às profundas paixões e desordens internas dos seres humanos, por isso as religiões podem terminar enquanto instituições ou sofrer profundas transformações. Porém, a tendência inata que os seres humanos têm do *religioso* sempre permanecerá e, em

consequência, eles continuarão interpretando-se a si mesmos como seres verdadeiramente humanos no meio da evolução de suas culturas. Esse é o pano de fundo do religioso e das religiões (BAENA, 2015, p. 75, tradução nossa).

Para que se institua uma religião, torna-se essencial a invocação formal da continuidade da tradição. É-se membro de uma comunidade espiritual que agrupa fiéis passados, presentes e futuros. A linhagem dos que creem funciona como referência legitimadora da crença, cumprindo a dupla função *ad intra* – incorpora os fiéis a uma comunidade – e *ad extra* – separa-os dos que não são (LIBANIO, 2002, p.91).

Cabe destacar que o cristianismo não é tanto uma religião, mas uma transcendência dela: Jesus foi de tradição judaica e não pretendeu reformar nem fundar outra nova religião. O cristianismo poderia entender-se sob a sua aspiração de edificar seres humanos para serem semelhantes a Jesus, nos seus gestos e palavras, deixando-se transformar pelo próprio Deus. De fato, os anunciadores do Evangelho – após uma experiência pascal – deram testemunho da transformação acontecida nas suas próprias vidas.

Nesse sentido, mesmo que a institucionalidade seja intrínseca à religião, Deus não está vinculado necessariamente a ela, mas sim principalmente ao ser humano. Como referem textos veterotestamentários, a relação de Deus é radicalmente referida à Aliança com o povo – mesmo no tempo do exílio babilônico – e não fixada à dedicação e liturgia realizada no Templo (Ez 3,10-22). Por mais de que o templo seja destruído, Deus continuará habitando e aproximando-se daqueles que o invocam sinceramente (Sl 145,18). As instituições passam, Deus continua. Mas, como compreender esta situação dentro do cenário do cristianismo católico atual?

Desinstitucionalizar a religião seria uma contradição, pois já estamos entendendo que, por si só, a religião é uma instituição; porém, se o questionamento é se o cristianismo pode ser desinstitucionalizado, seria uma pergunta diferente. Como regra geral, o ponto de partida das religiões é uma experiência divina, de transformação ou de iluminação singular de um personagem e de seu grupo, que fascina e atrai seguidores a ter a mesma experiência. A institucionalização dessa experiência consistiria em abraçá-la com medidas estáveis e adequadas para garantir sua continuidade e expansão, mas sempre num ambiente comunitário. [...] A dificuldade está na maneira como os católicos estão percebendo a Igreja enquanto instituição e por quê. Parece que eles não se sentem envolvidos na Igreja, nem sentem que a Igreja somos todos nós, muito além da hierarquia e, especialmente, do Vaticano. É verdade que tanto os escândalos de algumas lideranças da Igreja e a vida desonesta dos mesmos católicos que se chamam crentes e praticantes assim como o manejo dessas situações, pela mídia, tiraram a credibilidade da instituição Igreja e desvirtuam o que se espera dela: um conjunto de espaços comunitários onde seres

humanos, ao estilo de Jesus de Nazaré, verdadeira humanidade, são criados e formados (BAENA, 2015, p. 79-80, tradução nossa).

Assim, vale a pena resgatar que o sentido religioso presente no cristianismo de tradição católica precisará de um processo constante de discernimento, conversão e reforma que depende não só das lideranças, mas principalmente dos membros das comunidades: um esforço ingente que leve à expressão clara dos valores cristãos não simplesmente nos atos litúrgicos senão com ações cotidianas de compromisso comunitário e salvaguarda do bem comum (Mc 7,1-13).

Todos nós sentimos a necessidade de uma reforma da Igreja; ela é fundamentalmente uma comunidade de comunidades onde a transformação radical das pessoas acontece através dos seus membros. Isso significa que a comunidade é o espaço único em que todos somos instrumentos de Deus na transformação dos irmãos. De fato, o espaço que exige reforma é o da própria comunidade e, por esse motivo, a reforma é concretizada no tipo de membros, na medida em que são capazes de transformar seres humanos. De onde se segue que a reforma da Igreja está na conversão dos membros da comunidade. Enquanto para uns, pensar uma reforma da Igreja se baseia em mudar a estrutura hierárquica e as equipes de liderança de qualquer ordem; para outros, talvez mais cristãos, no entanto, seria de pouca utilidade se aqueles que os compõem não tivessem tido uma conversão real. O Papa Francisco nos disse em sua exortação *Evangelii Gaudium* que a conversão começa com ele próprio (BAENA, 2015, p. 80-81, tradução nossa).

Segundo Baena, deve existir uma correlação necessária entre comunidade e indivíduo, onde cada um esteja aberto à ação divina na sua existência. Isto significa que a religião e o ser religioso entender-se-iam como a acolhida livre dessa relação de Deus com o ser humano. Daí que tenha sentido, então, aprofundar o segundo estágio, o da fé. Pois nos tempos modernos estão ainda mais presentes inquietações sobre o mistério de Deus e a sua revelação na humanidade.

1.2 Fé

Para adentrar-se no significado da fé, nessa tríade religião-fé-espiritualidade, cabe destacar o termo chave que introduz Baena sobre o destaque da ação de Deus enquanto "ato criador contínuo na humanidade e na criação inteira" (BAENA, 2017, p.84). Um conceito teológico bem estruturado pelo autor, onde se lembra a corresponsabilidade humano-cristã ao serviço do mundo. É uma experiência vital que não se reduz a uma mágica divina *ex machina*, pois exige o compromisso humano por meio das ações que possibilitam o reconhecimento da igual dignidade divina presente

em cada ser. Valoração que não é mais do que o resultado do autêntico relacionamento com o próximo, abraçando o exemplo de Jesus Cristo, baseado no exercício adequado do discernimento espiritual e da liberdade que cada sujeito, filho de Deus, possui.

Como é revelada a fé em Jesus? O Novo Testamento, à primeira vista, não se refere a Jesus como um crente ou à fé dele em Deus. A razão é óbvia: quando o Novo Testamento foi escrito – suposta a revelação de Deus na experiência pascal –, Jesus, enquanto Deus, é o objeto de fé da comunidade cristã primitiva. No obstante, nos evangelhos, Jesus é o absoluto da fé em Deus. A originalidade de Jesus reside na experiência imediata que ele teve do ato criador contínuo, ou da vontade deste sobre aquele que o acolhe de maneira absoluta. Ainda mais, Jesus interpreta o relacionamento que Deus tem com ele, associando-a ao esquema familiar comum de um filho absolutamente obediente e fiel a Deus, o Pai. É nesta comunicação imediata com Deus onde é gerada sua certeza e segurança em Deus, aqui reside a fé absoluta de Jesus (BAENA, 2015, p.37, tradução nossa).

No âmbito cristológico, então, se fala de uma compreensão profunda dos com-Jesus (PALACIO, 1989, p.163) sobre o trânsito da fé *de* Jesus, mestre, para a fé *em* Jesus Cristo, crucificado-ressuscitado. Isto é, a fé faz com que uma experiência de cunho antropológico, referida àquilo que Jesus acreditava na sua vida (fé no Pai: *Abba*), se torne posteriormente uma realização pós-pascal dos discípulos, erigindo o Cristo à condição de modelo de fé. Pois, sem mistério pascal não haveria cristologia propriamente dita (SEGUNDO; SANCHIS, 1968, p.15). Com efeito, a ressurreição é o ponto de partida e o fundamento da fé cristã.

É válido destacar brevemente aqui que a fé não é somente um dom ou experiência relativa às denominações religiosas procedentes da tradição cristã. “A fé é resposta a uma Palavra revelada” (LIBANIO, 2002, p.98).

A fé não é uma ação generosa que realizamos crendo em Deus ou em um conjunto de declarações doutrinárias. A fé é um presente de Deus, apenas se o tornamos efetivo e visível no exercício do amor e do serviço incondicional aos outros. Esse dom da fé é o próprio Deus dando-se e criando-nos, tornando-se crível em nós. Isso significa que esses sintomas de amor e misericórdia podem ocorrer em pessoas sem religião ou que pertencem a religiões não-cristãs ou àqueles que se chamam ateus. Daí a possibilidade da fé fora de uma religião (BAENA, 2015, p.73, tradução nossa).

É evidente que não se pode restringir a fé unicamente ao significado cristão da mesma. Contudo, para os nossos propósitos, é preciso focar-se nas comunidades surgidas das práticas – gestos e palavras – do peregrino de Nazaré. Assim, a fé de caráter cristão é antes de tudo um dom de Deus

ou, em outros termos, o gesto do próprio Deus dando-se ao ser humano. A fé como dom gratuito não é propriamente um fato pontual, num momento determinado; é sim um estado de certeza e segurança em Deus, na sua constante re-criação em tudo e em todos (BAENA, 2011, p.132), principalmente naqueles que estão abertos generosamente para o encontro com Ele.

O próprio ser de Deus, implícito no ser humano, o impulsiona a sair de si mesmo ao encontro dos irmãos. Neste sentido se sabe que o cristão tem fé, pois acolhe consciente e livremente esse impulso de Deus: a certeza de ter fé radica na expressão de amor incondicional e de compaixão sincera para com o próximo. A fé age e se faz visível pela caridade (Gl 5,6) e manifesta nesta a compreensão da vivência tanto pessoal quanto comunitária. "O ato de fé envolve todas as características da existência humana: racional, volitivo-afetiva, histórica, prática, escatológica" (LIBANIO, 2002, p.98).

A fé em que fomos batizados tem uma multiplicidade de dimensões. Tem um conteúdo: é fé em Deus que atuou e atua na história humana de determinada maneira (*fides quae*). Não é, porém, mera aceitação intelectual de certas verdades, sobre as quais não poderíamos ser informados de outro modo. É antes entrega ao Deus que se autocomunica à humanidade. É confiança em Deus (*fides qua*). É aceitar o testemunho da Igreja que transmite a fé através dos séculos. É entrar nessa comunidade de transmissão da fé (*dimensão eclesial*). É realizar, na história, o projeto do Reino nos âmbitos pessoal, social, comunitário e cósmico (*dimensão praxica*). É entrar num processo que tem seu início agora, em meio às vicissitudes da história, mas tem a promessa e a garantia de realização plena na comunhão com Deus, na eternidade (*dimensão escatológica*) (TABORDA, 2012, p.56).

Em suma, no conjunto desses elementos configuradores da perspectiva cristã da fé, assume-se o horizonte vital para além da temporalidade, do desgaste, da morte e do nada (Ef 2,4-9), situando-se agora na tensão permanente entre o desejo de serviço aos outros, por um lado, na realidade egoísta do indivíduo, por outro lado; ambas tendências inatas ao ser humano. Daí a importância de uma tomada de consciência acerca dos evidentes limites e contingências relativos à humanidade, convidando-a a descobrir que – além da própria racionalidade – existe algo mais transcendental que se recebe gratuitamente da fé. "La fe es una oferta, no una imposición, que cuando se acepta, da más sentido a los fenómenos y tendencias que experimentamos en nuestro ser" (BAENA, 2015, p.49). Essa experiência de fé tem um caráter histórico-soteriológico necessariamente trinitário que, ao mesmo tempo, é encarnado, livre e gratuito. "Meus irmãos, que adianta alguém dizer que tem fé se ela não vier acompanhada de ações? Será que essa fé pode salvá-lo?" (Tg 2,14).

1.3 Espiritualidade

A fé condensa uma *dimensão prática* que está presente na criação inteira. Assim se pode pensar a espiritualidade como aprofundamento da fé. A tradição bíblica sobre o agir divino tem como referência a Palavra, mas também e mais propriamente o Espírito divino. É evidente que a expressão *espiritualidade* está necessariamente associada ao significado do *Espírito*. “O que Deus é para o homem é o seu Espírito.

Todos os seres humanos sempre tentam explicar os fenômenos e experiências que sentem; e quando, a partir de sua cultura, não encontram razões ou não veem as reais causas desses fenômenos recorrem a linguagens míticas: forças ocultas misteriosas ou espíritos que produzem tais fenômenos, inexplicáveis de outras maneiras. Isso é inteiramente comum a todas as culturas, particularmente as mais antigas, incluindo as culturas apresentadas na Bíblia. Todas as religiões são culturais, por isso é comum que na Bíblia diferentes espíritos sejam usados [...] para explicar a providência amorosa de IHHW com o povo Israel, pois mesmo que seja invisível, transcendente, distante e insondável, torna-se presente e imaginável para seus crentes (BAENA, 2015, p.52, tradução nossa).

Além do âmbito meramente cultural da religião, a pergunta pela ação do Espírito divino – e posteriormente da configuração da espiritualidade – pode entender-se a partir da experiência narrada no saltério sobre o que significa “ver a face de Deus” (Sl 43,3). Se a *Ruah* (Gn 2,7; Ez 37,9) é assumida como o sopro (espírito, *pneuma*) de vida fornecido por Deus ao homem (*criatio prima*), supõe-se que esse sopro, assim como a função da respiração é para o corpo humano, também deve ser constante e estar presente o tempo todo como ato criador contínuo (*criatio continuata*) para não morrer nem para afastar-se da face ou a presença de Deus. E para poder receber esse ar divino é preciso estar face-a-face (Jó 34,14-15; Sl 104,29-30) com o Deus vivo e verdadeiro (TORQUATO, 2020, p.30).

É comum dizer que uma pessoa é espiritual porque reza muito, é piedosa, fala sobre coisas religiosas, etc. No entanto, o caráter adequado de uma pessoa verdadeiramente espiritual é que ele se comporta como espírito, ou seja, com o caráter reflexivo e prudente em seu modo livre de existir. Porém, se também dissermos que espiritual se refere a Deus como o Espírito implícito no ser humano, então temos que dizer que uma pessoa é espiritual na medida em que está aberta ao Espírito e se deixa guiar por Ele. Mas, como sabemos que uma pessoa é espiritual, possuída e guiada pelo Espírito de Deus? Sabemos disso apenas por seu comportamento na vida cotidiana: porque ele ama e serve aos outros, e isso só acontece quando a pessoa sente compaixão perante a dor e a desintegração do outro. Em resumo: uma pessoa é espiritual

quando, ao olhar para o rosto sofredor dos outros, consegui amá-los e servi-los sem condições. Essa é a identidade mais clara da pessoa espiritual. Assim é precisamente Jesus de Nazaré (BAENA, 2015, p.63, tradução nossa).

Como é evidente, essa dinâmica de aproximação à definição da espiritualidade pode entender-se como a ação do Espírito (Deus) na cotidianidade ou, em outros termos, a participação do ser humano na vida divina ou vida do Espírito. Aliás, um único e verdadeiro Espírito que não pode ser delimitado pela racionalidade ou pelos critérios humanos, como já tem sido tentado – e ainda hoje – pela filosofia, a teologia, as ciências da religião, etc. Contudo, espiritualidade seria, também, a arte de sair de si para doar-se no outro, viver a essência do ser humano como Espírito. Se Deus trabalha conosco saindo de si mesmo, o que ele pretende é que façamos o mesmo: que nos doemos em função dos outros. No entanto, também existe no ser humano a necessidade constante de buscar tudo para si: uma tendência espontânea ao egoísmo (BAENA, 2017, p.163).

É nessa tensão evidente do ser humano, entre o doar-se para os outros e o centrar-se sobre si próprio, que tem sentido modelos de espiritualidades cristãs, como a de tradição inaciana, por exemplo no âmbito teológico/intelectual, como já foi percebido acima com o Pe. Baena, ou social/espiritual, como é o caso do Pe. Roux, que será aprofundado mais adiante. Para homens como eles, os movimentos do Espírito transformam radicalmente as vidas, permite às pessoas transitar da religião para fé e desta para a espiritualidade, centradas na experiência significativa de dar a vida em função dos demais de maneira incondicional, incluso percebendo e mudando aquilo que lhes impede atingir esse objetivo fundamental (EE.EE 23).

Tal movimento do Espírito corresponde plenamente aos gestos e palavras do próprio Jesus, “pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a vida por causa do evangelho, a salvará” (Mc 8,35). Um convite que, embora difícil, é entendido como desejo de comunhão e como projeto de Deus para os seres humanos: uma relação dialética entre as criaturas e seu Criador que, em gratuidade, abre o ser humano para participar plenamente do Espírito de Deus na cotidianidade da vida.

A espiritualidade, encarada dentro da perspectiva antropológica, é a prerrogativa das pessoas autênticas que, em face do ideal e da história, constataram uma escolha axiológica decisiva, fundamental e unificante, capaz de dar sentido definitivo à existência (DE FIORE, 1989, p.347).

Embora se vislumbre aqui o paradigmático agir ético do cristianismo em pessoas concretas e em teorias metodologicamente elaboradas, pergunta-se: como entender isso num cenário social que compromete e

afeta a milhões de pessoas? Como evidenciar a possibilidade de uma ética cristã num país, majoritariamente católico, que está cruelmente marcado por um histórico de violência, de desigualdade social e de ausência de paz? Como a teologia poderia oferecer elementos para compreender melhor uma sociedade tão fragmentada como a colombiana?

2. Possibilidade de uma ética cristã na polaridade violência e paz

Após este breve percurso sobre as dinâmicas religiosas que deveriam evidenciar-se numa clara experiência de fé transparentada num compromisso espiritual, nos concentramos agora no contexto do conflito interno armado na Colômbia. Faremos, para tanto, um sucinto apanhado histórico sobre a possível origem e os atores da violência, seguido da caracterização de tentativas e gestos de paz e, por fim, a situação atual dos espaços e alternativas de ressurgimento social no país. No pano de fundo surge a possibilidade esperançosa de um agir ético cristão em meio à hostilidade e adversidade existentes.

2.1 Possível origem história e atores da violência

Partindo do consenso comum entre os acadêmicos e pesquisadores sociais, o início do conflito armado interno na Colômbia, mesmo com evidência de fatos prévios, pode datar-se a partir do final da década de quarenta com a morte do caudilho político liberal Jorge Eliecer Gaitán. Este fato, acontecido em 1948 e motivador da revolta popular conhecida como o Bogotaço, situa-se dentro da luta de poder bipartidista (liberal/conservador) unida a uma fraca estruturação social que, até hoje, não conseguiu vincular favoravelmente uma adequada reforma agrária com uma sólida instauração de políticas públicas congruentes e equitativas, favoráveis tanto para zonas rurais quanto para realidades urbanas (GONZÁLEZ, 2014, p.76).

Como resultados dessa ruptura social surgiram, em territórios afastados do centro econômico e político, pequenas guerrilhas camponesas que se constituíram como resistências comunistas de esquerda que, após serem atacadas belicamente pelo Estado na denominada operação militar Marquetalia em 1964, consolidaram a formação das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, doravante reconhecidas por sua sigla FARC. Já na década de setenta, surgem outros movimentos ideológicos e/ou militares como o Exército Popular de Libertação, o Exército de Libertação Nacional ou o Movimento Dezenove de Abril, formados pelo ideal revolucionário soviético, as propostas marxistas ou a influência da Teologia da Libertação, de onde destacam personagens como o sacerdote Camilo

Torres ou o presidenciável Carlos Pizarro, também mortos no meio dessa turbulenta encruzilhada (RODRIGUEZ, 2018, p.82).

Assim, as guerrilhas desejavam uma adequada redistribuição tanto dos territórios produtivos, evitando a expansão de latifúndios, quanto das riquezas aproveitadas por uma minoria capaz de oprimir aos mais desprotegidos da sociedade. Porém, nessa tensa situação o governo não conseguiu a administração unívoca da força e os movimentos sociais não puderam estabelecer um claro programa de ação política, gerando com isso o recrudescimento da violência e a vulneração de direitos fundamentais como o respeito da própria vida humana.

Diante da decepção com o fracasso das lutas revolucionárias, das ideologias e da impotência em face do sistema econômico neoliberal globalizado, é de estranhar-se que se troque a luta social pela oração? Diante da decepção com as lutas e com os compromissos políticos e diante do descrédito de uma política midiática e corrupta ao lado do cansaço com o militarismo seco e duro, é de estranhar-se que se troque o comício pelas oficinas de oração? Diante da incapacidade humana de mudar a realidade, é de estranhar-se que surja uma busca por milagres? (LIBANIO, 2002, p.59).

Um detonante ainda maior que aguçou essa crise foi o surgimento do narcotráfico na década de oitenta. O país, dadas a suas características geográficas, converteu-se rapidamente no maior produtor de cultivos de caráter ilícito na região. O exponencial e repentino robustecimento econômico que trouxe consigo essa atividade ilegal atingiu tanto os movimentos sociais de resistência e as guerrilhas, na sua capacidade aquisitiva de armamentos, como as elites políticas regionais, na manipulação de resultados eleitorais, mudando drasticamente o panorama político, econômico e social de um país já abalado e enfraquecido (GONZÁLEZ, 2014, p.76).

A crise de fundo que vivemos tem, evidentemente, repercussões ilegais duríssimas, como o narcotráfico, que se manifestou de forma violenta na guerra, que nos mergulhou na corrupção, mostra as fragilidades da nossa justiça e as enormes debilidades da política, com suas exclusões (ROUX, 2016a).

Essa realidade de crueldade e desumanização foi ainda maior *ad portas* do novo milênio: o narcotráfico deixou ver a inoperância do Estado nas regiões periféricas e historicamente abandonadas do país, além de conduzir a sequestros ou extorsões por parte dos grupos subversivos, assim como ao crescimento exponencial das desigualdades sociais. Tal cenário de desprezo pela vida humana – pelo mistério de Deus que habita em cada criatura – se tornou ainda pior com o fortalecimento dos cartéis do tráfico,

com a resposta beligerante por parte do exército nacional e com a criação de grupos paramilitares e bandas criminais que, até hoje, inclinam-se somente ao bem-estar econômico das classes sociais mais privilegiadas, geralmente associadas aos grandes latifundiários e aos corruptos dirigentes políticos regionais (GONZÁLEZ, 2014, p.77).

A desigualdade social – problema ético, político e técnico – junto com o vácuo do Estado e da comunidade civil, preenchidos em toda parte pela máfia, estão em primeiro plano. A incapacidade da classe política para promover as mudanças que o país exige, o totalitarismo militar de esquerda ou direita e a ausência de uma ética civil aparecem em um plano ainda mais profundo. Todas elas, com raízes históricas e vínculos internacionais, cruzam-se, reforçam-se e agravam-se mutuamente (ROUX, 1987, p.8, tradução nossa).

Esta situação toda, em último termo, acabou por devastar drasticamente a população civil, fundamentalmente os mais vulneráveis, que nada têm a ver com essas contendas de índole econômica camufladas sub-repticiamente sob aparência de desejos de mudança e de desenvolvimento. Esta é, em suma, uma condição de desumanidade tão desoladora que até a própria Divindade parece que se esconde (cf. EE.EE 196). Desde uma perspectiva teológica transparece cruamente como um atentado direto à vida, uma instauração explícita do pecado social estrutural que, por momentos, percebe-se como que inerente à 'natureza imutável' de um país que, segundo as estatísticas, é majoritariamente de tradição cristã.

A estrutura social se origina e se mantém numa dialética, cujos momentos são a externalização, a objetivação e a internalização. As estruturas são produto do ser humano que atua sobre o ambiente para adaptá-lo às suas finalidades, ideais, objetivos. Aqui aparece claramente a dimensão pessoal do pecado social: a sociedade com suas estruturas é, antes de mais nada, obra humana [...] que influencia as pessoas, as marcas desde a origem e vai sendo assimilado por elas como num processo de osmose (TABORDA, 2012, p.81-82).

E ainda no plano mais concreto do contexto colombiano, é evidente que nesse tempo de anomia social não só participaram os mandatários políticos corruptos, os grupos armados ilegais ou as forças militares e paramilitares, senão também muitos hierarcas eclesiais que com suas pregações provocaram o desmoronamento de um ensinamento moral católico, que se distancia por muito dos gestos e palavras de Jesus, o Cristo. Esta realidade parecia estar marcada por "uma ordem cultural cujos valores e orientações normativas são a *ética puritana*" (LIBANIO, 2002, p.153).

A queda da moralidade católica como referência final de todo o comportamento de um povo não deve significar necessariamente a precipitação ao abismo. [Contudo,] o que parece ter focado a preocupação da Igreja foi o desenvolvimento da civilização católica e da comunidade religiosa. O importante para a Igreja era formar bons católicos e isso não coincidia necessariamente com formar bons cidadãos (ROUX, 1987, p.16, tradução nossa).

Em suma, o que terminou por minar as entranhas do país foi a idealização da guerra, a maior das violências. A idealização da força bélica foi tomada como caminho de solução de todas as problemáticas sociais. “Esta es la peor de las violencias y, a mi juicio, la que se ha profundizado y venido a ocupar el primer plano en esta sociedad nuestra, desde la cotidianeidad de los hogares y grupos humanos hasta la dimensión general de nuestra sociedad” (ROUX, 1987, p.9). Tal idealização fez da luta armada um fim em si mesmo, fazendo-a crescer vertiginosamente em contraposição direta à queda e perda de sentido sobre o valor da vida numa comunidade humana.

Há inúmeros gritos éticos e religiosos de protesto. Os mais medonhos atacam à indústria de morte, tão cultivada pela razão tecnológica, alimentada por gigantescos interesses econômicos. A irracionalidade escandalosa da construção dos campos de concentração, dos gulags, das armas sofisticadas para matar com a maior precisão possível e com o mínimo risco de quem as emprega. [É inacreditável que existam] exércitos de pesquisadores cuja vida é consagrada a planejar e produzir armas sempre mais perfeitas; e outros se dedicam a vendê-las ou testá-las. Todo um círculo infernal de destruição de vidas humanas (LIBANIO, 2002, p.62).

Nesse sentido, é evidente que os esforços por construir a paz não podem ser nunca cimentados sobre as bases da guerra ou da morte. Deve haver espaço válido, sim, para o diálogo – não simples uniformização do pensamento – e para o conhecimento da verdade, fontes primárias na construção real de paz e do bem-estar comum. É por isso que nesta encruzilhada entre a inteligência e a barbárie “todo lo que signifique aclimatar la solución política negociada y desmontar los aparatos armados al margen de la ley, es un aporte a la paz” (ARANGO, 2013, p.14).

2.2 Tentativas e gestos de paz

Mesmo que o panorama descrito anteriormente pareça muito hostil e carente de esperança futura, é importante lembrar as inspirações bíblicas que aludem à contradição própria à vida cristã: estar no mundo e não ser do mundo (1Cor 5,10). Mesmo no bojo dessa sociedade estruturada no pecado, já triunfa a graça de Deus (TABORDA, 2012, p.82).

A seguir, enunciam-se sucintamente alguns dos esforços – realizados principalmente pelos governantes de turno – para a consecução da paz e o reestabelecimento do tecido social na Colômbia. Embora pareça que alguns destes esforços não foram eficientes e continuaram a aguçar as divisões econômicas, as tensões políticas, as perdas de identidade comunitária e as múltiplas violências no país, mesmo assim, o desejo de renovação e mudança sempre tem estado vivo no interior dos diversos atores sociais.

Desde há algum tempo, tenho percebido esse Mistério movendo-se entre nós, entre luzes e sombras: quando Belisario Betancur iniciou as Comissões de Paz e a União Patriótica foi criada; quando Virgilio Barco iniciou diálogos com a Coordenadora Guerrilheira; quando César Gaviria convocou a Constituição de 91, na que participaram ex-guerrilheiros do M-19, do Quintín Lame e do Epl; quando o ministro da Agricultura de Samper, José Antonio Ocampo, estabeleceu as linhas de transformações rurais que estão hoje no primeiro acordo na Havana; quando Andrés Pastrana tentou a paz no Caguán e alcançou, com o Plan Colômbia, o fortalecimento do Exército; quando Álvaro Uribe liderou as Forças Armadas com seu ministro da Defesa até atingir as Farc e deixou claro para elas que nunca ganhariam o poder mediante a luta armada; inclusive quando o comando militar liderado pelo presidente Santos considerou que havia chegado o momento de negociar com o inimigo e não sair da mesa até que os Acordos fossem assinados (ROUX, 2016b, tradução nossa).

Todos esses elementos de um único e comum horizonte histórico, entre fracassos e acertos, vislumbraram aos poucos um panorama alentador para a população civil e para a comunidade internacional. De fato, acontecimentos como a construção conjunta – entre os outrora inimigos – da Carta Magna de 1991, usando o diálogo e não mais a força das armas; a erradicação de cultivos (plantações) ilícitos, coordenado através do ‘Plan Colombia’; o processo de ‘Justiça e Paz’, encaminhado à ressocialização de ex-membros de organizações paramilitares; ou a possibilidade de convocar em Cuba as lideranças guerrilheiras para começarem os Diálogos com o governo nacional (RODRIGUEZ, 2018, p.96), são sinais esperançosos da ação da divindade na vida de muitos daqueles seres humanos que participaram, direta ou indiretamente, nesses gestos de conversão e de busca da reconciliação.

Tais sinais, doravante não deveriam ser esquecidos pela memória coletiva nem manipulados ou interrompidos para outros fins, como aconteceu, por exemplo, com o caso da negativa no plebiscito sobre os Acordos de Paz e a incerteza sobre o seu futuro (DA CUNHA, 2016). De fato, é no meio dessa conjuntura que tem espaço a esperança trazida pelo Deus de Jesus Cristo: um Deus que age na história, ainda que seja no sofrimento humano mais radical, doloroso e até inacreditável.

Mas, ainda assim, não consigo parar de ver o Deus da história, solidário e compassivo, junto de nós quando experimentamos o genocídio da União Patriótica, na desesperada solidão de cada pessoa sequestrada e sua família, no horror do soldado que acorda sem pernas pelo impacto da mina antipessoal, nas mães que choram os seus filhos assassinados em 'falsos positivos', nos guerrilheiros que estão presos, nas crianças que, cheias de perguntas, cresceram na insurgência com uma arma na mão; nas mulheres estupradas e humilhadas, na tristeza dos lares que procuram seus filhos e filhas desaparecidos, no terror dos habitantes das regiões da Colômbia devastadas por massacres, nos sete milhões de camponeses que deixaram o campo, nos 280.000 civis que foram mortos por atores armados de todo tipo; e nos milhares de jovens soldados, policiais, guerrilheiros e paramilitares que foram mortos por balas e bombas. Deus também estava lá. No sofrimento físico, nos corações quebrantados, no terror e no silêncio, quando vimos qualquer futuro possível afundar. E, a partir daí, o mesmo Espírito nos acompanhou na desolação e nos convidou, mesmo no abismo, a não perder a esperança [...] Deus é quem, finalmente, nos faz entender que devemos mudar para que, num país reconciliado, todos sejamos possíveis enquanto seres humanos (ROUX, 2016b, tradução nossa).

Esse desejo de uma sociedade reconciliada, que aos poucos vai se direcionando para essa meta comum, não é simplesmente fruto do esforço das autoridades políticas ou dos representantes de grupos insurgentes. No interior das pequenas comunidades rurais atingidas pela violência, nas escolas ou templos que foram atacados com artefatos explosivos, ou nos locais onde sequestravam e torturavam cruelissimamente, surgiram pessoas, mesmo com dor e sofrimentos incalculáveis, desejosas de uma nova forma de vida. "Pois em verdade vos digo que aquele que não nascer de novo [do Espírito], não pode participar do reinado de Deus" (Jo 3,3).

2.3 Atualidade e alternativas de ressurgimento social

Dentro da elaboração de uma proposta congruente para o estabelecimento da paz na Colômbia, hoje, são relevantes três elementos fundamentais para a sua compreensão e reflexão: positivamente, o Acordo final para o término do Conflito e a construção de uma paz estável e duradoura e a Viagem Apostólica do Papa Francisco à Colômbia; negativamente, o assassinato indiscriminado e sistemático de lideranças.

Em primeiro lugar, e central, sem dúvida, é o *Acordo final para o término do Conflito e a construção de uma paz estável e duradoura*, firmado no segundo mandato presidencial do Nobel da Paz Juan Manuel Santos (2014-2018). Os seis eixos principais desse Acordo radicam, primeiro, na procura de um desenvolvimento rural efetivo e integral; segundo, nas mudanças para o acesso e participação em política, tanto dos desmobilizados como das lideranças comunitárias; terceiro, na necessidade

inabalável da finalização do conflito e da entrega definitiva das armas por parte do grupo insurgente; quarto, na substituição adequada de cultivos e drogas ilícitas; quinto, no sentido de cuidado e reparação das vítimas, o fortalecimento da memória coletiva e as garantias de não repetição desses fatos violentos; sexto, o cumprimento, verificação e referendo sobre o pactuado por ambas das partes (FORJANDO PAZ, 2017, p.5).

Cabe destacar que este foi um esforço conjunto que, analisado desde o âmbito teológico, afrontou radicalmente as divergências atrozes e as transgressões que configuram o pecado tanto pessoal quanto social-estrutural, evitando com isso que “o pecado (*he hamartía*) continue a roubar a responsabilidade histórica do ser humano” (TABORDA, 2012, p.91).

A coragem para afrontar essa situação foi acompanhada de perto por lideranças religiosas da Igreja católica como Dom Luis Augusto Castro, ex-presidente da Conferência Episcopal Colombiana e Arcebispo de Tunja, e o Pe. Francisco de Roux, ex-provincial dos jesuítas e um dos referentes principais da reflexão aqui apresentada. Dois personagens que, sem dúvida, assumiram a ousadia de chamar-se cristãos e agiram eticamente com um compromisso histórico radical. De fato, “à Igreja, como parte da sociedade civil, desde sua experiência popular, caberia cumprir uma função de mediação entre a sociedade política organizada com o Estado e a vida concreta do povo” (VAZ, 1980, p.183).

Esta identidade entre religião e tarefa histórica foi decisiva. [...] Existencialmente, isso significa duas coisas muitíssimo importantes. A primeira é a consciência de ter uma vocação histórica aprovada e sustentada contra todos os obstáculos por um poder divino; a segunda é a convicção de que o decisivo nesse desígnio histórico é a conduta moral [...] O grande elemento é a descoberta do homem de que é colaborador de Deus num desígnio que se realizará na história (SEGUNDO; SANCHIS, 1968, p.16).

Nesse sentido, “a religião tem papel e relevância, como instituição, no cenário da sociedade” (LIBANIO, 2002, p.135). A *Viagem Apostólica do Papa Francisco à Colômbia* em setembro de 2017 serviu de apoio ao engajamento excepcional de cristãos como Quiroga, de Roux, e até o próprio Baena. O ‘dar o primeiro passo’, lema dessa visita, ajudou a reforçar o sentido de reconciliação e de perdão. Nela reconheceu-se, alegoricamente, o caminho que o próprio Jesus fez até a cruz, que seria superada posteriormente pela sua ressurreição no meio da comunidade. O pontífice também fez um convite especial à sociedade colombiana para que, em conjunto, fizesse o mesmo percurso difícil e esperançoso do Cristo (FRANCISCO, 2017), caminho pascal que sempre estará plenificado pela misericórdia que traz consigo o Deus da vida, inclusive após a morte.

E com todos os colombianos, minha gratidão ao Papa Francisco, que entendeu nossa situação e nos trouxe uma mensagem de esperança para nos convidar a não ter medo e avançar para o reencontro. Ele colocou a paz para além da política, nos acolheu em nosso trauma e nos convidou a uma mudança de coração, porque nossa crise é, acima de tudo, espiritual. E ele nos chamou para tocar com nossas mãos a carne ensanguentada de nosso povo com o exemplo que ele nos deu de proximidade, compaixão e respeito pelas vítimas (ROUX, 2018, p.32, tradução nossa).

De fato, a visita do papa Francisco ao país não foi isolada e por acaso. Anterior a esta, em 2015, no meio da sua viagem apostólica à Havana, Cuba, que coincidia com o local onde aconteciam os diálogos entre guerrilheiros e lideranças governamentais, o pontífice fez um pedido especial que alentou e fortaleceu à Mesa de Negociação, à comunidade internacional acompanhante, à Igreja e à própria sociedade colombiana:

Neste momento, sinto-me no dever de dirigir o meu pensamento para a amada terra da Colômbia, «consciente da importância crucial do momento presente, em que os seus filhos, com renovado esforço e movidos pela esperança, estão procurando construir uma sociedade em paz». Que o sangue derramado por milhares de inocentes, durante tantas décadas de conflito armado, unido ao sangue do Senhor Jesus Cristo na Cruz, sustente todos os esforços que se estão a fazer, inclusivamente aqui nesta bela Ilha, para uma reconciliação definitiva. E assim a longa noite de dor e violência, com a vontade de todos os colombianos, se possa transformar num dia sem ocaso de concórdia, justiça, fraternidade e amor, no respeito das instituições e do direito nacional e internacional, para que a paz seja duradoura. Por favor, ajudemo-nos! Não temos direito a permitir-nos mais um fracasso neste caminho de paz e reconciliação (FRANCISCO, 2015).

Não obstante, após a consecução do firmado definitivo dos Acordos de Paz, dos ingentes esforços da sociedade e da evidente ajuda da Igreja nesse processo de procura pela justiça, a verdade, a reconciliação e o fim do conflito armado, hoje, mais do que nunca, o panorama necessita ainda de uma maior esperança cristã e do subsequente compromisso social que ela requer.

Com efeito, o terceiro elemento que opaca notoriamente as alternativas de ressurgimento social é o *assassinato indiscriminado e sistemático* tanto de lideranças sociais de comunidades vulneráveis quanto dos ex-combatentes que acolheram o Processo e deixaram as armas. Esta situação é ainda mais problemática pela evidente incapacidade e negligência do governo atual, pois, por divergências e interesses políticos, não quer assumir com seriedade as exigências do pacto dos Acordos de Paz. E, o que é pior, no meio de circunstâncias mundiais que imploram constantemente o cuidado e a conservação das vidas humanas.

Que agora, em meio ao coronavírus, matem homens e mulheres líderes na Colômbia é muito doloroso. De fato as mortes de jovens que estavam nas Farc e que um dia resolveram deixar as armas, 190 já foram assassinados, ou as massacres de povos indígenas e de líderes camponeses hoje fazem parte de uma realidade extremamente dolorosa, pois a vida de um líder –que vale o mesmo que a vida de qualquer pessoa– é uma perda muito sensível, pois quando se perde um líder a comunidade fica destruída. Eles são pessoas com muita coragem, muitas vezes sem nenhum incentivo, mas que têm a grandeza de não deixar suas comunidades serem subordinadas ou por guerrilheiros, ou por paramilitares, ou por qualquer pessoa poderosa que queira tirar vantagem delas. Eles enfrentam os violentos, para proteger a grandeza de suas comunidades. Quando matam o líder a comunidade se dispersa, se acaba. O triste é que já perdemos 500 líderes desde que o acordo de paz foi assinado, e milhares de vidas mais durante todo o conflito na Colômbia. E embora com o risco latente de serem assassinados, continuam surgindo líderes para defender as suas comunidades (ROUX, 2020a, tradução nossa).

Mesmo assim, o que é mais inacreditável, é que tal exacerbação do pecado social-estrutural não é exclusividade de uma república latino-americana que ainda se está pensando e se configurando, mas um elemento comum à humanidade toda. Isto se evidencia, inclusive, nas narrações evangélicas sobre a figura do próprio Jesus de Nazaré: “Os soldados se aproximaram dele, o agarraram e o prenderam [...] Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram” (Mc 26,50b.56b); e também em outros textos bíblicos: “Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão” (Zc 13,7b).

Contudo, também ele morreu e todos os seus seguidores se dispersaram. Quanto ao que está acontecendo agora, dou-vos um conselho: não vos preocupeis com esses homens e deixai-os ir embora. Porque, se este projeto ou esta atividade é de origem humana será destruído. Mas, se vem de Deus, vós não conseguireis eliminá-los. Cuidado para não vos pordes em luta contra Deus!’ (At 5,37b-39).

Sob essa inspiração bíblica, que parece submergir à humanidade toda numa dor comum que a desintegra, mas que ao mesmo tempo a permeia sempre de uma possibilidade esperançosa de ressurgimento, é que desponta o convite constante para que os cristãos re-centrem suas vidas conforme a figura do Cristo, morto e ressuscitado, pois “é pela sua iniciativa que vocês estão em Cristo Jesus, o qual se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, justiça, santidade e redenção” (1Cor 1,30). Com efeito, pensar na possibilidade de uma ética cristã na polaridade violência e paz – principalmente no contexto colombiano – exige estar abertos à ação da

divindade na própria história, implica exercer conscientemente a plena responsabilidade das ações e, por fim, carrega consigo a necessidade do discernimento para que o mundo “hoje, não feche o coração, mas escute a voz do Senhor” (Sl 95).

3. Um olhar cristológico em meio ao conflito armado na Colômbia

Após ter apresentado o panorama histórico da Colômbia sob uma perspectiva também de ordem teológica, queremos sublinhar aqui aqueles elementos configuradores de uma dimensão ética da espiritualidade, baseada nos valores de Jesus e os com-Jesus. Veremos, por um lado, as dificuldades ou consequências da crise espiritual que afronta o país e, por outro, o sentido da responsabilidade ética cristã e os seus desafios perante a realidade colombiana.

3.1 Crise espiritual

Para pensadores como de Roux (2018) a crise da Colômbia, que não termina com o silêncio das armas, é ante tudo uma crise espiritual. Crise ainda mais profunda do que a econômica, a social, a política ou mesmo a religiosa. Tal colapso de ausência espiritual tem exposto crudelissimamente os próprios limites da nação. Hoje, sem o recorrente barulho dos estridentes enfrentamentos bélicos, se tem deixado ver a nudez das justificativas da violência, a perda do sentido de si e a incapacidade de compreender o sofrimento das vítimas de todos os lados.

Produto dessa crise espiritual, permaneceu por muitos anos a ausência de paz apresentada em suas diversas magnitudes: no confronto entre exército e guerrilhas, nos sequestros, nas ações de grupos paramilitares, no desaparecimento de pessoas, nos atentados às mineradoras, no exercício da justiça por própria iniciativa, nos crimes contra periodistas, juízes, dirigentes políticos e nos inumeráveis fatos contados dia-a-dia na rádio, na televisão e na imprensa. Essa ausência de paz tornou-se tão comum na sociedade que decidiu dar-se-lhe o termo genérico de *violência* ou, o que é o mesmo, de profundo vazio ético coletivo (ROUX, 1987, p.8).

Esse vácuo social, que parece ter-se constituído como parte da própria identidade colombiana, está permeado pela irresponsabilidade pessoal e coletiva frente à guerra. De fato, é nessa fraca construção de identidade nacional que reluzem, pela sua função tão vergonhosa, o pecado por omissão, o estabelecimento da mentira e o esquecimento da realidade como sistemas cotidianos do agir humano.

O primeiro, a omissão, se assume como o mais grave, isto porque, por exemplo, se um cristão ou comunidade de cristãos, que tem recebido formação da consciência social e percepção realista dos problemas estruturais (CELAM, 1970) não age conforme a tais ensinamentos, não pode entender-se como autêntico seguidor da proposta evangelizadora trazida por Jesus, pois mesmo sabendo o que é preciso fazer, não tem o menor interesse em realizá-lo. "Refleti sobre isto, pois, quem sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado" (Tg 4,17). "Porque melhor lhes fora não terem conhecido o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado" (2Pd 2,21). Responsáveis pela iniquidade são todos os que não agem em favor da justiça, na medida dos meios de que dispõem, e ficam passivos por temerem os sacrifícios e riscos pessoais que implica toda ação audaciosa e realmente eficaz (CELAM, 1970).

O segundo fator, a mentira, é um obstáculo por onde passa todo indivíduo e toda instituição no esforço interminável por ir até a liberação pessoal e coletiva. "O que encobre as suas transgressões nunca florescerá; mas o que confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pr 28,13). Qualquer ser humano que tenha mentido para alguém, mente para si mesmo. Por isso, a luta contra a mentira configura-se como um processo de purificação constante para a consecução da autenticidade consigo e com os demais membros da sociedade (ROUX, 2018, p.195).

Para um autêntico processo de reconciliação e de justiça é indispensável o exercício sério da verdade nas suas diversas narrativas. A verdade, como fruto indubitável da ressurreição, é imperativa: a história verdadeira deve ser trazida, na medida do possível, de todos os lados para poder entender o que realmente aconteceu. Com a verdade plena se evita aumentar o ódio ou calcular a vingança; com ela se pode alcançar um entendimento construtivo e inclusivo do passado, capaz de conectar o sofrimento com a responsabilidade e de convocar a uma reconciliação plena, sem ficar fixados no 'olho por olho, dente por dente' (ROUX, 2017).

O terceiro elemento, o esquecimento, é quiçá o mais furtivo dentre esses fatores pelo fato de que parece depender do contexto social ao qual se lhe esteja dando mais relevância midiática no momento. No contexto atual de emergência sanitária, por exemplo, evidencia-se o quão rápido o urgente prevaleceu sobre o comumente importante. Pois, países com fraturas internas, desigualdade e pobreza, além de terem governos erráticos, economias falidas ou sistemas fracos de saúde, estão mais expostos à pandemia, precisando colocar todos os esforços numa única realidade e apagando deliberadamente as emergências sociais vindas de outras latitudes. No caso colombiano, a essas características supramencionadas devem ser acrescentadas a presença de múltiplas formas de violência, a persistência do conflito armado, bem como os atrasos e desvios na implementação do Acordo Final de Paz (SAMUDIO, 2020).

O objetivo deste Acordo foi criar as condições para superar as lacunas entre o campo e a cidade, reduzir a desigualdade e a pobreza extrema, além de propender pelo fortalecimento da democracia, o reconhecimento dos crimes [...] e a reconciliação da cidadania com o Estado. Mas isso ainda não se enraizou num contexto em que persistem visões antagônicas do caminho a seguir, após a assinatura da paz. Essa coincidência da pandemia com a implementação do Acordo pode levar a desprezar o projeto de construção de uma sociedade mais equitativa e pacífica, mesmo que ainda haja oportunidade de identificar pontos fracos, elaborar planos de mitigação, proteger o percurso realizado e começar a abrir caminhos inequívocos para superar as condições estruturais que nos tornam tão vulneráveis (SAMUDIO, 2020, tradução nossa).

O incrível é que são ditas oportunidades, que parecem menoscabadas, as que mantêm vivo o desejo de assumir com responsabilidade cristã os desafios que comporta a atual realidade colombiana. Um convite a que cada seguidor do Cristo, luz do mundo (Jo 8,12), seja “como lâmpada que brilha em lugar escuro, até clarear o dia e levantar-se a estrela da manhã em seus corações” (2Pd 1,19b).

3.2 Responsabilidade ética cristã

Ao pensar nos primórdios de uma possível ética cristã o mais óbvio é voltar, mesmo que brevemente, a algumas das fontes neotestamentárias e à exegese que dali tem surgido. Pesquisa que é ainda mais relevante quando se abordam temas como a verdade, a justiça e a paz. De fato, quando se olham expressões como “felizes os que trabalham pela paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9), não só se associa com um conceito relativo à consciência religiosa em geral, mas a sua especificidade na figura de Jesus de Nazaré: o Filho de Deus em cuja plenitude filial (Jo 1,16), pelo batismo, todo cristão participa (DE MORI, 2020).

Além disso, outras narrativas evangélicas podem identificar o desejo de “santifica-os na verdade, porque a Palavra é a verdade” (Jo 17,17) com o anúncio dos grandes feitos de Deus que consiste em “proclamar a passagem das trevas à luz, da não-misericórdia à misericórdia, de forma a despertar nos [crentes] a pergunta pelas razões de nossa esperança” (TABORDA, 2011, p.60). Ou ainda, rever as cartas católicas, como a primeira epístola petrina, para reconhecer que ela “exorta os cristãos a colaborarem responsabilmente nas instituições da sociedade, a fazerem sempre o bem, enfrentando a hostilidade, segundo o exemplo de Cristo. Exorta-os também a uma vida exemplar dentro da própria comunidade cristã” (KONINGS; KRULL, 1995, p.35).

Com efeito, a ética cristã reside no evento Cristo, que assumiu a humanidade em plenitude e não apenas o ser humano histórico de Jesus, e na decisão autêntica de seguimento à sua proposta. No núcleo da moral

propriamente cristã está a imitação de Jesus, modelo inigualável de perfeita coerência entre as palavras e a vida, de conformidade com a vontade divina (DÍAZ ARDILA, 2011, p.67). De fato, na Carta Encíclica *Deus Caritas est*, Bento XVI resume a vocação do cristão nos seguintes termos: “*Nós cremos no amor de Deus* – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida”. Ainda, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1).

A ética é cristã não no sentido de regime de exceção, mas pela possibilidade de realizar a humanização de nossa humanidade pela configuração com Cristo. O cristianismo não é a negação do humano para afirmar o divino, ao contrário, o cristianismo é radicalmente humano porque Deus em Cristo se humanizou. O evento Cristo afeta a maneira de compreender a humanidade. Deus, ao irromper em Jesus, revela a essência e o destino do humano: *humanidade nova*. Nossa humanização se dá com os outros no mundo e na história, em instituições justas (GASDA, 2018, p.7).

Instituições que podem ser do âmbito eclesial, como a *Caritas* local ou internacional, que devem estar integradas à pastoral de conjunto e possuir um caráter ecumênico, não apenas como centros assistencialistas, mas como lugares de denúncia dos grupos que atentam contra a justiça (PP 45-47). Ou, ainda, instituições com ingerência estatal ou social como, no caso colombiano, o Sistema Integral de Verdade, Justiça, Reparação e Não Repetição, conformado pela Jurisdição Especial para a Paz, a Unidade de Busca de Pessoas dadas por Desaparecidas e a Comissão para o Esclarecimento da Verdade, a Convivência e a Não Repetição (JEP, 2019). Esta última foi presidida pelo próprio Francisco de Roux, cristão plenamente comprometido com o seguimento de Cristo e com o reestabelecimento da dignidade humana dos mais vulneráveis.

Uma comissão da verdade à colombiana deve ser a força motriz de uma mobilização ética nacional que recolha o sofrimento e a indignação em todos os lugares e que, em vez de produzir novos ódios e acusações, nos leve a entender o que foi o que realmente aconteceu conosco: por que caímos no absurdo de milhões de vítimas; quais são as responsabilidades morais e sociais que, individual e coletivamente, temos que assumir e como vamos fazê-lo. De modo tal que nos permita vernos a todos como os protagonistas do drama nacional e que nos encha de compaixão por nós mesmos. Se isso for alcançado, a comissão poderá produzir o que nos é mais desejado: a reconciliação nacional e, a partir daí, trabalhar em conjunto, desde as diferenças, na cimentação de um presente tranquilo e de um futuro esperançoso para as gerações vindouras (ROUX, 2018, p.196, tradução nossa).

E, assim, ainda que a experiência do Jesus Ressuscitado seja revelada à humanidade inteira, o *ethos* cristão deve refletir-se de maneira especial na vivência testemunhal de cada batizado. Se através do batismo o crente está associado a Cristo, o seu agir configurar-se-á segundo a mudança ontológica advinda do sacramento. Pois, incorporado nele, o cristão age como sinal de Cristo na história do mundo. “A especificidade cristã aponta-nos a *lex orandi*, *lex credendi* e *lex agendi*; nestas motivações, convicções e atitudes o horizonte de significação cristão oferece uma ética que a diferencia de outros sistemas morais” (GASDA, 2018, p.7).

3.3 Desafios

Depois do percurso feito até aqui, mais do que respostas academicamente elaboradas, ficam perguntas e tarefas ainda maiores sobre o comprometimento fidedigno do povo cristão em meio à realidade social colombiana. Pensar na dimensão ética da espiritualidade como sinal de esperança cristológica, após a valiosa firma de uns Acordos de Paz e mesmo de sua fraca implementação atual, exige passar de saudosos anelos anteriores para a abertura de um futuro carregado de possibilidades. Não ao futuro demagógico das campanhas políticas, mas à firme convicção de que a realidade social e natural pode ser distinta da que se experimenta agora.

Nesse sentido, permanece o convite para que todos os cidadãos do país, incluídos os seguidores do Cristo, participem de uma ética respeitosa que supere os dogmatismos excludentes, aqueles que tem obstaculizado por anos a convivência social. Ainda mais, considerem que a verdade não é possessão absoluta de nenhuma pessoa, grupo, partido político ou comunidade humana. Se é acolhido o dito chamado, isto é, um interesse por encontrar a verdade coletivamente e não a obsessão por possuí-la, a comunidade poderá encontrar uma senda, cada vez mais palpável, para a consecução de uma paz autêntica e perene (ARANGO, 1991, p.8).

Por tal motivo, deve-se reconhecer, como o lembra a Igreja, que a paz é a tarefa permanente onde a comunidade humana se realiza no tempo, tarefa que está sujeita a mudanças estruturais e a transformações pessoais. E mais, ela exige uma reciprocidade permanente na qual, se o cristão acredita na fecundidade da paz como meio para chegar à justiça, acredita também que a justiça é uma condição imprescindível para a paz. Portanto, a paz, como obra da justiça, supõe e exige a instauração de uma ordem social onde todos possam realizar-se, onde sua dignidade seja respeitada, suas legítimas aspirações satisfeitas, seu acesso à verdade reconhecido e sua liberdade pessoal garantida (CELAM, 1970). “Nossa fé tem fecundidade na paz. No ideal cristão, a violência não é nem cristã nem evangélica. O cristão é pacífico e não se envergonha disso. Não é simplesmente pacifista, porque é capaz de lutar” (PAULO VI, 1968). E dessa firme convicção de fé, a pesquisa aqui apresentada tem um testemunho fidedigno:

Embora eu tenha participado da causa da justiça social desde o final da década do 60, sempre discordei da luta armada. Primeiro, porque sigo os ensinamentos de Jesus no Evangelho e não aceito motivos para matar ninguém; segundo, porque quando criança [...] ouvi de meus pais que a guerra se estava transformando em violência incontrolável e estava empiorando todos os males; e terceiro, porque aprendi com meus colegas jesuítas na luta pela justiça, e com muitos outros, que o caminho para as necessárias mudanças é uma ética baseada na dignidade humana, na política e nos direitos humanos, aproveitando todos os espaços para avançar gradualmente em direção à sociedade sonhada (ROUX, 2018, p.117, tradução nossa).

Como é evidente, o mundo exige hoje um comprometimento real da parte dos cristãos e não só discursos belamente elaborados. Essas alocações, embora válidas, precisam de uma clara correspondência no acontecer cotidiano da sociedade. Assim, tal como aconteceu há algumas décadas na Conferência de Medellín, hoje, por exemplo, no interior da hierarquia eclesial colombiana, também se deve passar eficazmente das palavras bem intencionadas às ações concretas de justiça e solidariedade com os mais vulneráveis.

Com efeito, pedidos como o cessar definitivo da guerra por parte de qualquer grupo armado exige, também de cada indivíduo da sociedade inteira, sair radicalmente de si em função dos outros. Não basta, simplesmente, estar unidos unanimemente à voz do Papa Francisco e da Comunidade Internacional, ou de acompanhar esporadicamente em eventos públicos o sofrimento e o clamor do povo colombiano. A coragem do agir cristão não se deve focar só em reiterar, através de comunicações, uma solicitação a todas as organizações armadas ilegais a parar a dinâmica de violência que gera sofrimento, pobreza e morte. O testemunho vital dos seguidores do Cristo deve ir para além do básico pedido de cessação de todos os confrontos bélicos, ainda mais em meio da atual emergência sanitária global (CEC, 2020). Mesmo assim, parece que "atravessamos o mar do oceano para impor a lei de Cristo, e a alcançamos nas missas, nas procissões, nas festas dos santos padroeiros; contudo, ainda não a alcançamos plenamente nas almas" (GARCÍA MÁRQUEZ, 1994, p.181).

No final de cada dia de guerra, deveríamos ter nos perguntado as questões que fomos deixando para depois: dez, vinte ou cinquenta anos mais para frente. Ou como foi dito quando os diálogos em Caracas se dissolveram há duas décadas atrás: "Até daqui a cinco mil mortos, quando nos encontrarmos novamente". Como nos reivindicar humanos em tal barbárie? Como nos ousarmos a chamar cidadãos? Como a guerrilha pretendeu que a dor do povo sequestrado e mortalmente ferido fosse a sua "revolução"? Como foi possível para a sociedade financiar as hordas paramilitares que levaram ao massacre de muitas comunidades? Como falar de uma

nação católica cristã em meio a tanta ignomínia? Como justificar uma economia que se tornou estável baseada num mar de lágrimas? Quando o Estado perdeu em seus três ramos –executivo, legislativo e judicial– a prioridade única da proteção da vida? Como foi possível que este país, sem nenhum sinal de protesto, permitira a monstruosidade dos falsos positivos causados pelo exército? (ROUX, 2018, p.77, tradução nossa).

Mesmo assim, ainda há sinais de esperança. É evidente que o agir humano, cristão, tem uma função ética indispensável que o compromete com as realidades que se experimentam cotidianamente. Nos dias de hoje, o convite bíblico é muito desafiador: “Nunca deixará de haver vulneráveis na terra; é por esse motivo que te ordeno: abre o coração em favor do teu irmão, tanto para o pobre como para o necessitado de tua terra!” (Dt 15,11); “porque sempre tereis os pobres convosco, e podeis fazer-lhes bem quando quiserdes” (Mc 14,7a). De tal modo, o ser humano, enquanto colaborador da obra divina, deve manter-se sempre fiel à dimensão transcendente que comporta a sua participação na vida em Deus. Caso se afastar deliberadamente de tal dimensão, terminará por ser infiel aos princípios evangelizadores, por escravizar-se a si mesmo e aos demais e, ainda, por destruir a vida dos outros, dos seus irmãos.

[Não obstante] Eu não consigo parar de ver o próprio Deus agindo até entre os membros das Farc, independentemente de se eles perceberem isso: porque eles também mudaram em quatro anos de diálogo, quando as vítimas mostraram que o que estava em jogo era a verdade, a aceitação de responsabilidades, a reparação e a não repetição (ROUX, 2016a, tradução nossa).

Há uma necessidade muito bonita na vítima de dizer 'isso é verdade, porque eu o vivi'. Mas, também, como seres humanos, somos capazes de nos olhar novamente aos olhos, de acreditar no amor, na amizade e na palavra para edificar juntos de novo. A mesma vítima diz com entusiasmo e resiliência: 'Vamos lutar porque a paz é possível' (ROUX, 2020a, tradução nossa).

Afinal, só um processo de discernimento adequado, baseado no cultivo de uma espiritualidade capaz de romper as limitadas barreiras conceituais e discursivas, conseguirá oferecer uma perspectiva de humanidade que não fique restrita a um determinado doutrinamento religioso, nem a uma específica profissão de fé. E tal tomada de consciência permitirá reconhecer, ainda, que “Deus não vai fazer milagres se nós não fazemos nada por mudar a nossa situação de violência e morte” (ROUX, 2020c). “Filhinhos, não deixem que ninguém os engane. Aquele que pratica a justiça é justo, assim como Ele é justo” (1Jo 3,7).

Conclusão

“Então o Senhor perguntou a Caim: ‘Onde está Abel, teu irmão?’ Ele respondeu: ‘Não sei; acaso sou guarda dele?’ E disse o Senhor: ‘Que fizeste! A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra!’” (Gn 4,9-10). A partir desta protológica sentença bíblica, onde Deus se envergonha e a terra também se ressentida, é que faz sentido rever a possibilidade de uma esperança cristológica num país como Colômbia. As quase nove milhões de vítimas por causa do conflito armado, o deslocamento interno forçado de mais de sete milhões de pessoas (ACNUR, 2020) ou o assassinato de quase seis mil lideranças sociais, desde a década dos oitentas no país, deveriam ser mais do que escandalosas cifras, lamentáveis índices globais, simples elementos de belas prosas dramáticas ou meros dados para exímias pesquisas acadêmicas. “Se fizéssemos um minuto de silêncio por todas as vítimas, estaríamos em silêncio durante dezesseis anos” (DE ROUX, 2020b).

A pergunta pelo que cada ‘orgulhoso’ filho de Deus faz com o seu próximo não é ambígua, retórica ou abstrata. Também não é uma simples referência para ser omitida, mentida ou esquecida. Cada ser humano, como aqueles que foram mortos absurdamente, sejam estes camponeses, militares, médicos, jornalistas, guerrilheiros, políticos, etc. têm nomes próprios e pertencem a famílias e comunidades concretas. “No los olvidemos” é uma atualizada lembrança dessas vidas reais que tem sido truncada¹ (EL ESPECTADOR, 2020).

E para que a morte desses irmãos não continue sendo assumida como ‘rotineira e cotidiana’, como mais uma notícia vespertina, é preciso tomar consciência de que nessas vidas há presença valiosa da divindade, isto é, da igual dignidade como seres humanos, como filhos e filhas do mesmo Pai. Com efeito, em cada líder de comunidade que entrega a sua vida está agindo plenamente o ato criador contínuo ou, o que é o mesmo, o ser humano está vivendo segundo as inspirações do Espírito. E ainda que alguns deles não se considerem a si mesmos como crentes, nessas pessoas comprometidas com a paz se reconhece a espiritualidade que, ao mesmo tempo, é a força que outorga a capacidade para trabalhar em prol do bem-estar comum.

Por tal motivo, para sair do vazio moral e a fraqueza social que atravessa o país, é que a dimensão ética da espiritualidade tem relevância. Afastar-se daquela crise espiritual exige dedicar tempo de reflexão e silêncio para tomar consciência do valor esquecido, para encontrar Deus, para se introduzir na transcendência que jaz em cada homem e mulher: não há outro jeito de acessar ao universo do propriamente humano –que parece perdido– e que é anterior, inclusive, à desejada instauração da justiça. “Por eso solemos decir entre nosotros que ‘la salida es hacia adentro’, donde brota la

¹ Portada do jornal El Espectador, publicada em 14 de junho de 2020, que rende homenagem à memória das lideranças sociais assassinadas na Colômbia após a firma dos Acordos de Paz com a guerrilha das Farc. Lembrança de cada uma das vítimas pelo seu nome e pela atividade comunitária que exercia, enquanto se denuncia que esta tragédia ainda não cessa.

posibilidad de la sabiduría y de la fuerza serena para enfrentar nuestra crisis humana” (ROUX, 2018, p.89).

O sentido ulterior da autêntica espiritualidade foca-se na capacidade do ser humano (cristão) para saber assumir a sua responsabilidade pessoal e as consequências de sua escolha no decorrer da história. Pois, afinal, se o processo espiritual é sinceramente efetuado, levará à implicação com a realidade através de ações concretas; e não ficará unicamente nas palavras, os discursos ou os ritualismos. “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão” (Mt 5,23-24). “É impossível construir a paz sem perdão. O maior problema da paz na Colômbia é espiritual, ou seja, que aceitemos os seres humanos e respeitemos sua dignidade” (ROUX, 2015).

Com efeito, a espiritualidade é a experiência do encontro com Deus na vida do discípulo; a ética é a tradução em obras concretas dessa irrupção de Deus na vida da pessoa. No meio de uma sociedade pluralista e em mudança, onde novas questões surgem constantemente, a espiritualidade – como a inaciana, por exemplo – ganha relevância e interesse pelo seu talante discernente, ou seja, pela sua preocupação em buscar, encontrar e cumprir a vontade de Deus na incerteza que acompanha a vida cotidiana. Manifestação disso é a séria e profunda reflexão teológica de Gustavo Baena e, ao mesmo tempo, o radical e incansável compromisso de Francisco de Roux pela verdade e a justiça em meio ao convulsionado contexto social da Colômbia. Estes dois, jesuítas, estão permeados intensamente pela experiência reveladora do Evento Pascal de Cristo nas suas vidas.

Por outro lado, hoje, quando o mundo atravessa a maior crise sanitária dos últimos tempos e o país conseguiu parar por causa do vírus, fica a pergunta: por que não cessar já com o derramamento de sangue na Colômbia? De fato, depois que o contágio passar, os problemas estruturais do país estarão longe de serem superados e será necessário construir uma Paz Grande, que exige medidas extraordinárias para poder cambiar o impacto tão profundo do conflito armado interno. Quer dizer, uma paz que não deve temer a realização de mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais que abalem os fundamentos da violência, da corrupção e da ineficácia do Estado. Uma paz que leve à presença plena e garantida do Estado Social em todo o território nacional, apta para reconhecer os direitos daqueles que abandonaram as armas e de convidar aqueles que ainda não o fizeram, a fazê-lo (DE ROUX, 2020b). Uma paz que não esteja determinada por interesses alheios e estranhos aos de cada comunidade e que, por sua vez, reconcilie os seres humanos com o meio ambiente e o território. Por fim, uma paz que deve emergir do aprendizado social, político e econômico derivado de seis décadas de guerra e, agora também, de uma pandemia que deixou ver, de maneira nítida, as profundas fraquezas da sociedade.

O confronto com as guerrilhas é realmente a grande epidemia da história colombiana, pela longa duração do conflito, pela capacidade da

insurgência para atacar as instituições, pela sua força bélica, que dera origem à ira do paramilitarismo e à expansão perversa dos cultivos ilícitos, que financiaram a uns e outros, pela corrupção política e por muitos outros fatores. Não obstante, prevalece a esperançosa inquietação por saber se o país será capaz de convocar e de unir, para além das rivalidades ideológicas e políticas, uma sociedade comprometida em proteger o Acordo de Paz. Acordo este que tem levado à troca das armas pelas palavras, ao início da reconstrução dos territórios afetados (ROUX, 2018, p.78), à busca constante pela verdade comum e à mobilização social para acabar com todos os conflitos violentos.

Tal inquietação, se fundada na dimensão ética da espiritualidade, deverá experimentar-se na tendência profunda que impulsiona o ser humano a sentir compaixão pelo sofrimento do irmão. Sentimento que se produz pelo iniludível relacionamento com os outros e que, por sua vez, convida necessariamente a sair de si mesmo mediante ações concretas em favor dos fragilizados e os desprotegidos. "E assim, em colóquio, interrogar-me a mim mesmo: o que tenho feito, o que faço, o que devo fazer por Cristo; e vendo-o a Ele em tal estado, pendente na cruz, discorrer pelo que eu posso oferecer" (EE.EE 53).

Referências

- ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS REFUGIADOS. *Informe mensual de las Américas*. Enero 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/5e5598334.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- ARANGO, Horacio. Ética cidadana: un compromiso de todos. In: FERNÁNDEZ, Rubén (Ed.). *Ética para tiempos mejores: seminario sobre ética cidadana, Semana por la Paz*. Medellín: Corporación Región; Bogotá: Programa por la Paz, 1991.
- ARANGO, Horacio. *Abriendo Horizontes: Colombia, un país que debe perdonar*. Medellín: Fundación Centro de Fe y Culturas, 2013. v.6.
- BAENA, Gustavo. *Fenomenología de la revelación: teología de la Biblia y hermenéutica*. Navarra: Verbo Divino, 2011.
- BAENA, Gustavo. *Revelación, teología y vida cristiana*. Medellín: Fundación Centro de Fe y Culturas, v.1,2015.; y v.2, 2017.
- BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Deus Caritas Est: sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- COLOMBIA, Gobierno de; FARC-EP. *Acuerdo Final para la Terminación del Conflicto y la Construcción de una Paz Estable y Duradera*. 24.11.2016. Disponível em: <https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/Colombia%20Nuevo%20Acuerdo%20Final%2024%20Nov%202016_0.pdf>. Acesso em: 26 de abr. 2020.

CONFERENCIA EPISCOPAL DE COLOMBIA. *Una esperanza de alivio: así ve la Iglesia el cese de hostilidades del ELN*. Comunicado, n.46. 30 de marzo de 2020. Disponível em: <<https://www.cec.org.co/tags-documentos/coronavirus>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Medellín, 1968*. Petrópolis: Vozes, 1970.

DA CUNHA, João Flores. O futuro da Colômbia após a população rejeitar o acordo com as Farc. *IHU On-line*. 04 out. 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/560757-o-futuro-da-colombia-apos-a-populacao-rejeitar-o-acordo-com-as-farc>>. Acesso em: 24 de abr. 2020.

DE FIORE, Estefano. Espiritualidade Contemporânea. In: GOFFI, Tulio; DE FIORE, Estefano (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.

DÍAZ ARDILA, Jorge Aurélio. Revelación y moral. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, v.38, n.89, p.57-74, 2011.

EL ESPECTADOR. *No los olvidemos*. Portada do Jornal. 14 de junio de 2020. Disponível em: <<https://suscripciones.elespectador.com/pdfimpreso/edicion-14-de-junio-de-2020/>>. Acesso em 15 jun. 2020.

FORJANDO PAZ, *Ruta para la Construcción de una Paz Estable y Duradera: Acuerdo de paz definitivo entre el Gobierno Nacional e las FARC-EP (24 de noviembre de 2016)*. Bogotá: Centro de Estudios para la Paz, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Viagem Apostólica do Papa Francisco à Colômbia (6-11 de setembro de 2017): Informações*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2017/outside/documents/papa-francesco-colombia_2017.html>. Acesso em: 25 de abr. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Viagem Apostólica do Papa Francisco a Cuba, aos Estados Unidos da América e visita à sede da Organização Das Nações Unidas (19-28 de setembro de 2015): Ángelus, Havana, 20 de Setembro de 2015*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_angelus-cuba_20150920.html>. Acesso em: 24 de abr. 2020.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Do amor e outros demônios*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

GASDA, Élio. *Ética teológica fundamental: conceituação e epistemologia*. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, 2018. Apostila não publicada.

GONZÁLEZ, Fernán. *Poder y violencia en Colombia*. Bogotá: ODECOFI-CINEP, 2014.

JURISDICCIÓN ESPECIAL PARA LA PAZ. *Sistema Integral de Verdad, Justicia, Reparación y No Repetición*. Bogotá: JEP, 2019. Infografía. Disponível em: <https://www.jep.gov.co/Infografas/SIVJNRN_ES.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

KONINGS, Johan; KRULL, Waltraud. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. São Paulo: Loyola, 1995. (A Bíblia passo a passo).

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002. (Coleção Theologica).

LOIOLA, Santo Inácio de. *Exercícios Espirituais*: tradução do autógrafo espanhol. 3.ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999.

PALÁCIO, Carlos. A identidade problemática: Em torno do mal-estar cristão. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.21, p.151-177, jan./abr. 1989.

PAULO VI, Papa. *Carta encíclica Populorum Progressio*: sobre o desenvolvimento dos povos. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PAULO VI, Papa. Discurso na Celebração Eucarística do Dia do Desenvolvimento, 23/08/68, Bogotá. In: SASSATELLI, Marcos. Violência institucionalizada. *Medellín em gotas*. n.14. 31 Agosto 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582313-medellin-em-gotas-14-violencia-institucionalizada>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

RODRIGUEZ, Saúl. Colombia entre los altibajos del conflicto y la paz: una mirada histórica. In: BENITO, Miguel; NIÑO, César (Ed.). *Guerra y conflictos contemporáneos*: reflexiones generales para el caso colombiano. Bogotá: Universidad Sergio Arboleda, 2018.

ROUX, Francisco de. Desafíos de nuestra realidad a una teología honesta. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v.37, n.1, p.7-27, ene./mar.1987.

ROUX, Francisco de. Paz, a construção permanente da dignidade humana. *Revisita IHU on-line*. 15 Setembro 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/546810-em-edicao-nao-publicar>>. Acesso em: 20 set. 2019.

ROUX, Francisco de. Uma Colômbia diferente é possível. *Cromos*. 26 Julho 2016a. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/558100-uma-colombia-diferente-e-possivel-artigo-de-francisco-de-roux>>. Acesso em: 04 set. 2019.

ROUX, Francisco de. Bendito el Dios de la paz. *El Tiempo*. 24 de agosto 2016b. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/opinion/columnistas/francisco-de-roux/bendito-el-dios-de-la-paz-francisco-de-roux-columna-el-tiempo-53068>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

- ROUX, Francisco de. Verdad dolorosa y compleja. *El Tiempo*. 28 de septiembre 2017. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/opinion/columnistas/francisco-de-roux/verdad-dolorosa-y-compleja-135344>>. Acesso em: 31 ago. 2019.
- ROUX, Francisco de. *La audacia de la paz imperfecta*. Bogotá: Planeta, 2018.
- ROUX, Francisco de. Apóstol de la paz: semblanzas del sacerdote jesuita caleño Francisco de Roux. *El País*. Abril 12, 2020a. Disponível em: <<https://www.elpais.com.co/familia/apostol-de-la-paz-semblanzas-del-sacerdote-jesuita-caleno-francisco-de-roux.html>>. Acesso em: 19 abr. 2020.
- ROUX, Francisco de. *Alemania y Colombia, en diálogo sobre la paz*. Primer Evento Virtual. Instituto Colombo-Alemán para la Paz - CAPAZ, 19 de mayo de 2020b. Disponível em: <<https://www.instituto-capaz.org/alemania-y-colombia-en-dialogo-sobre-la-paz-durante-primer-evento-virtual-de-capaz/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.
- ROUX, Francisco de. *La Verdad y la Paz en la actual crisis de asesinatos a Líderes y Lideresas*. Centro de Fe y Culturas. Seminario Virtual. Junio 12 de 2020c. Disponível em: <https://comisiondelaverdad.co/actualidad/noticias/el-conflicto-armado-nos-esta-afectando-mas-que-el-coronavirus?fbclid=IwAR38eqe00ICDtJPRMnzp-FdhhafEBMh-OYXsRkeuf_WhM2niNttCViOGs-U>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- SAMUDIO, Vera. La implementación del Acuerdo de Paz en tiempos de pandemia. *Cien Días vistos por CINEP*, Bogotá, n.98-99, ene./jun. 2020. Disponível em: <<https://www.revistacien-diascinep.com/home/la-implementacion-del-acuerdo-final-en-tiempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- SANTOS, Juan Manuel. *La batalla por la paz: el largo camino para acabar el conflicto con la guerrilla más antigua del mundo*. Bogotá: Planeta. 2019.
- SEGUNDO, Juan Luis; SANCHIS, Juan Pablo. *As etapas pré-cristãs da descoberta de Deus*. Uma chave para análise do cristianismo latino-americano. Petrópolis: Vozes, 1968. (Coleção Liturgia-mundo, 1).
- TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Teologia sistemática).
- TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma*. 3ªed.rev. São Paulo: Loyola, 2012. (Coleção Theologica).
- TORQUATO, Rivaldave Paz. *Livro dos Salmos*. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, 2020. Apostila não publicada.
- VAZ, Henrique C. de Lima. Igreja e sociedade no Brasil: primeiras reflexões depois de João Paulo II. In: ROCHA, Luiz. *O povo e o Papa: Balanço crítico da visita de João Paulo II ao Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.